

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LARA PORTELLA FERREIRA

TE JURO HUMOR ETERNO:
O RISO DE UM PAÍS COMO MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA

São Paulo

2020

LARA PORTELLA FERREIRA

TE JURO HUMOR ETERNO:
O RISO DE UM PAÍS COMO MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”

Orientadora: Prof^ª. Dra. Clotilde Perez

São Paulo

2020

LARA PORTELLA FERREIRA

TE JURO HUMOR ETERNO:
O RISO DE UM PAÍS COMO MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”

São Paulo, ____ de outubro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Clotilde Perez
Universidade de São Paulo

Prof.
Universidade de São Paulo

Prof.
Universidade de São Paulo

Prof.
Universidade de São Paulo

Dedico à Lara de amanhã, que certamente estará mais evoluída e desfrutará com mais sabedoria as boas risadas da vida.

AGRADECIMENTOS

Esta monografia representa mais que o término da minha graduação, é a conclusão de um desafio, que me coloquei sem nem saber o que estava por vir. Não foi fácil chegar até aqui. Foram inúmeras as vezes que duvidei do meu potencial. Travei batalhas homéricas comigo mesma para provar que muito mais válido seria concluir e fazer o possível do que ficar idealizando o perfeito e acabar não entregando por não encontrar essa tal perfeição. Me comprometi com o conhecimento, reservei muito do meu tempo e esforço, e o permiti entrar como tivesse que ser.

Agradeço, particularmente, algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

Aos meus pais, que sempre investiram e viabilizaram financeiramente a minha educação, e por terem aguentado muitos desaforos, mau humor e ataques de insegurança, sem nem mesmo saberem o que estava acontecendo. À minha vizinha, fonte de amor, que me cobria de carinhos nos momentos mais difíceis, quando a vontade era desistir. À minha irmã e todas as minhas amigas, pelo apoio e incentivo, sempre acreditando em mim, quando nem eu acreditava mais. Vocês respeitaram minha ausência e compreenderam que precisava me afastar para fazer esta travessia que era só minha.

Gostaria de enaltecer aqui um colega que virou um grande amigo, Fernando Pigatti. Ter você ao meu lado nesta jornada fez toda a diferença. Obrigada pelo companheirismo, por ouvir minhas reclamações, pela troca que tivemos e, sem dúvida, pelas boas risadas que compartilhamos.

Ao meu terapeuta, que com certeza foi meu arrimo, meu colete salva-vidas quando estava me afogando em lágrimas. Talvez ele seja a única pessoa que realmente sabia o quão tempestuoso estava sendo o momento da confecção desta monografia.

A todos os professores da ECA pelos ensinamentos disponibilizados nas aulas. Em especial à minha orientadora, professora Clotilde Perez, que, por um feliz acaso, me adotou, incentivou e teve toda a paciência, dedicação e generosidade, me encorajando e estimulando até o fim. Cada um, de forma especial, contribuiu para a conclusão deste trabalho e, conseqüentemente, para a minha formação profissional.

Por fim, e talvez o mais importante agradecimento, é o agradecimento que faço a mim, por ter escolhido o caminho da resistência, da perseverança, por enfrentar meus medos e calar meus próprios julgamentos, não fugindo da luta, e então chegar até aqui tendo aprendido que o possível também é um lugar de valor. Valeu a pena!

Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social.

Henri Bergson

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a história do humor no Brasil, bem como sua atividade humorística e sua contribuição para o desenvolvimento social, econômico e político, retratando assim a identidade do povo brasileiro. Teve como base os trabalhos de Verena Alberti, Luiz Carlos Travaglia, Victor Raskin, Salvatore Attardo, Jan Bremmer e Herman Roodenburg por narrarem a história do riso e, principalmente, a obra do historiador Elias Thomé Saliba, por descrever a representação humorística na história brasileira. O humor está presente no nosso dia a dia de forma tão natural que às vezes não nos damos conta da importância e do seu caráter revelador. É pelas entrelinhas do humor que perpassa esta investigação científica. O humor é uma manifestação artística, uma das formas existentes de expressão e apreensão da cultura de uma nação. Estudar o humor de um povo é estudar uma sociedade, pois através dos códigos cômicos conseguimos interpretar e desvendar sua história. Para dar conta dos objetivos apresentados, além da discussão teórica referida, utilizamos de pesquisa qualitativa etnográfica, e os resultados nos levam a confirmar como o humor está presente no nosso dia a dia, e o quanto ele revela traços de identidade omitidos da nossa sociedade.

Palavras-chave: Humor. Riso. Representação humorística. Identidade nacional.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the history of humor in Brazil, as well as humoristic activities and their contribution to social, economic and political development, portraying the Brazilian people's identity in doing so. The paper is based on the works of Verena Alberti, Luiz Carlos Travaglia, Victor Raskin, Salvatore Attardo, Jan Bremmer and Herman Roodenburg because they have narrated the history of laughter, and is especially based on the writings of historian Elias Thomé Saliba, for having described the humoristic representation in Brazilian history. Humor is present in our day-to-day in such a natural way that sometimes we do not take into account its importance and revealing quality. And it's reading between humor's lines that this research traverses. Humor is an artistic manifestation, one of the existing forms of expression and apprehension of a nation's culture. Studying a population's humor practices means studying a society, since through comical codes we are able to interpret and unravel its history. In order to achieve the objectives laid out, in addition to the theoretical discussion aforementioned, we performed a ethnographical qualitative research, and the results lead us to confirm how humor is present in our everyday life, and how it reveals omitted traits of our society's identity.

Keywords: Humor. Laughter. Humoristic representation. National identity.

RESUMEN

Esta obra tiene como objetivo analizar la historia del humor en Brasil, así como su actividad humorística y su contribución al desarrollo social, económico y político, retratando así la identidad del pueblo brasileño. Se basó en las obras de Verena Alberti, Luiz Carlos Travaglia, Victor Raskin, Salvatore Attardo, Jan Bremmer y Herman Roodenburg por narrar la historia de la risa y, especialmente, en la obra del historiador Elias Thomé Saliba por describir la representación humorística en la historia de Brasil. El humor está presente en nuestra vida cotidiana de una forma tan natural que a veces no somos conscientes de su importancia y su carácter revelador. Y es a través de las líneas del humor que esta investigación científica pasa. El humor es una manifestación artística, una de las formas existentes de expresión y aprehensión de la cultura de una nación. Estudiar el humor de un pueblo es estudiar una sociedad, porque a través de los códigos del cómic podemos interpretar y desvelar su historia. Para dar cuenta de los objetivos presentados, además de la discusión teórica a la que se hace referencia, utilizamos una investigación etnográfica cualitativa, y los resultados nos llevan a confirmar cómo el humor está presente en nuestra vida cotidiana, y cuánto revela rastros de identidad omitidos en nuestra sociedad.

Palabras clave: Humor. Risas. Representación humorística. Identidad nacional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. POR UMA DEFINIÇÃO DO HUMOR	12
2.1 História do Humor.....	13
2.2 Teorias do Humor.....	16
2.3 Anatomia do Humor.....	19
2.4 Humor, para quê?	22
3. HUMOR(ZINHO) BRASILEIRO	24
3.1 Resgatando nossas origens	24
3.2 Jornada do Humor no Brasil.....	26
3.3 Etnografia do Humor — relação com o Humor atualmente (resultados do campo online)	31
3.4 Digas de quem tu ris, que te direi quem tu és.....	34
3.5 Cultura Meme Especializada.....	37
3.6 Limites do Humor.....	40
3.7 Marcas e Humor.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
APÊNDICES	49
ANEXOS	51

1. INTRODUÇÃO

A capacidade de rir é inerente ao homem, ao contrário do sentimento de humor, que requer um distanciar de si mesmo, um afastamento das emoções, uma anulação do sentimento de compaixão. Por isso, fazer rir não é brincar, é um trabalho árduo que requer muita sagacidade, cuidado para não ofender e responsabilidade por influenciar as pessoas. “A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção” (BERGSON, 1983, p. 7).

Meu principal objetivo com este trabalho é estudar os caminhos que o humor traçou em nossa sociedade para descobrir o quanto o humor faz parte da identidade nacional do brasileiro.

Não é de hoje que somos reconhecidos por muitos estrangeiros como o país da piada pronta, sustentamos a imagem de povo descontraído, alegre, que sabe rir de suas mazelas, ao passo que, na realidade, sabemos que somos um povo sacrificado. Fico me questionando, de onde vem essa facilidade em rir? É atrás de esclarecer esse paradoxo que emprego minhas energias e esforços.

Ainda nesta jornada, vamos identificar os tipos de humor que foram se construindo e ganhando expressão e limitações frente à nossa trajetória histórica. Também quero responder: qual é o lugar do humor atualmente? Como o brasileiro vem se relacionando com ele? Como nos tornamos uma das maiores indústrias de memes? E, por fim, como ele penetra no universo das marcas?

Para nos empenharmos nessa tarefa, vamos trazer teorias que expliquem o fenômeno do humor por meio de teóricos referenciais, como Aristóteles, Ariano Suassuna, Henry Bergson, Mikhail Bakhtin, Arthur Berger e Célia Maria Carcagnolo Gil, entre outros; sem contar os autores clássicos da literatura: Cervantes, Shakespeare, Molière, Machado de Assis e tantos outros que, ao invés de se preocuparem com a definição, usaram o humor como recurso narrativo em suas obras. Doravante toda essa bagagem teórica, que será responsável por costurar todo o nosso contexto, vamos ter a fase da pesquisa qualitativa, na qual por meio do questionamento vamos construir o conhecimento e a abordagem qualitativa, extremamente recomendada quando estudamos as relações sociais, que irá complementar e trazer um lado mais empírico para o estudo. É uma exploração da realidade para entender o comportamento humano.

Nesse sentido, em termos metodológicos, optou-se, para a concretização do objetivo, pela realização de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, desenvolvido em duas etapas:

1) compilação documental, leitura e análise do referencial teórico em torno das teorias do humor e concepção do riso;

2) incursão exploratória no campo empírico, visando investigar as funções do humor na sociedade brasileira, bem como identificar os principais temas da atividade humorística em sua linha do tempo. Por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados, falaremos com empreendedores do humor e pessoas comuns para conhecermos seus valores, desejos e o que as fazem rir para, então, concluir o quanto da identidade nacional do brasileiro perpassa o mundo do humor.

Portanto, vamos cair na risada, identificar possíveis novos significados para o humor e desmistificar da desvalorização do humor, pois o que queremos mostrar aqui é que há muita seriedade por trás do que as risadas podem nos contar.

2. POR UMA DEFINIÇÃO DO HUMOR

Muitas são as possibilidades de definir o humor. O que pode, em princípio, parecer neutro, bom ou mal, tende, no contexto brasileiro, ao caminho positivo. Humor isoladamente parece sempre ser bom humor. No Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975, p. 740), o humor é entendido como “Disposição de espírito; [...] Veia cômica: graça, espírito; [...] 38 Capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido [...]”, enquanto o riso é traduzido como o “Ato ou efeito de rir: dar risada. Alegria, contentamento, satisfação. Coisa ridícula” (Ibid., p. 1250), indicando que o diferencial que os caracteriza está no fato de que o riso seria o produto do humor. Em outras palavras, podemos considerar que o humor é qualquer mensagem falada, escrita ou desenhada, cuja intenção é provocar riso. Existe também a definição em termos biológicos, cujo humor constitui nos líquidos que regulam nosso corpo: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. O desequilíbrio desses fluidos causa o mau humor.

O certo é que para apreciar o humor é necessário anestesiar momentaneamente o coração, pois o cômico é insensível e enfatiza a criticidade. Existem muitas situações de riso sem humor, mas com certeza não há humor sem riso, sendo este um produto do humor, porém não exclusivo. Exemplo disso é o riso nervoso, que vem da experiência de uma vivência desconfortável. Nessas situações, o riso resulta de uma explosão de sentimentos (catexia), ao contrário do riso resultante do alívio de sentimentos (catarse), que veremos mais para frente. Assim, o riso é uma das primeiras manifestações do ser humano. Aprendemos a rir muito antes de aprendermos a falar e andar. Desde os nossos primeiros meses de vida é com as brincadeiras que começamos a aprender sobre o mundo e a treinar nossas habilidades, e são elas que nos ensinam sobre convívio em grupo. Nesse sentido, o humor é uma matéria de extrema importância, seja na antropologia, na psicologia, na sociologia, no universo pop ou no ambiente da comunicação de massa, revelando assim seu alto poder comunicacional, talvez sua principal razão de existir.

Todos nós sabemos do que se trata quando nos referimos ao humor, mas em se tratando de definição nos deparamos com muitas discussões. Partindo do princípio de que o humor é um estado de espírito próprio daqueles que enxergam a vida por um ângulo diferenciado e buscam criatividade na solução dos seus problemas, há quem diga que o senso de humor é uma característica da inteligência humana. Por ter esse caráter tão particular, sua definição varia muito, pois o humor depende do local, da época, de classe social, dos costumes, do consciente coletivo, da diversidade da sociedade e, acima de tudo, do repertório

de experiências de cada ser humano. É por isso que tanto na linguagem falada quanto na escrita o significado da palavra humor nos remete à ideia de comicidade, riso e descontração. Não existe um padrão, pois ele é desestruturado, desorganizado e caótico, ou seja, é uma atividade humana, fundamentalmente transitória.

2.1 História do humor

Conforme falamos acima, essa característica de transmutação permite que o humor se ressignifique de muitas formas ao longo da história da humanidade. Começaremos lá atrás, na Antiguidade, com o pai do saber: Platão (428 a.C.–348 a.C.). Entre os antigos, o riso era considerado divino, próprio apenas dos deuses e deusas e negado ao povo, por isso os grandes pensadores da época consideravam o riso uma subutilização da parte superior da alma, alegando que a vítima do riso possuía um entendimento equivocado de si mesma, que não correspondia com a realidade. Portanto, quem ria, ria do fracasso existencial do outro. Em tempos em que se valorizava a razão, o controle, o belo e a modéstia, o riso era desqualificado, vulgarizado e inferiorizado. O objeto do riso era a desarmonia e, por isso, a recomendação de muita cautela na sua utilização. Segundo Aristóteles (2000, p. 42), sua definição de comédia vinha carregada de julgamentos:

[...] imitação de gentes inferiores; mas não em relação a todo tipo de vício e sim quanto á parte em que o cômico é grotesco. O grotesco é um defeito, embora ingênuo e sem dor; isso o prova a máscara cômica, horrenda e desconforme, mas sem expressão de dor

Verena Alberti (1999), autora que se dedicou a estudar o riso à luz da história do pensamento, conta que a mais antiga referência que se tem sobre o riso é um texto do diálogo de Filebo de Platão, que aborda a questão dos prazeres verdadeiros e prazeres falsos, onde o riso das zombarias e piadas sobre outras pessoas teria sua origem na inveja, e portanto estaria incluído nos prazeres falsos.

Viajando entre os séculos, mais adiante, na Idade Média — entre os séculos V e XV —, com o forte domínio da religião, tivemos a proibição do riso. Este era excluído dos ritos oficiais por ser considerado um pecado, obra do diabo, ato de subversão e rebeldia. O tom sério caracterizava a cultura medieval oficial, sendo a única forma de expressar a verdade. Nesse contexto, a bufonaria ficava reservada às classes populares e suas manifestações culturais, que eram representadas pelos ritos e espetáculos, como festa do asno, festa do

templo, festa dos tolos, carnaval, etc. As obras cômicas, chamadas de sátira menipeia, que registravam a linguagem falada no papel, revelam a utilização de palavras de baixo calão, xingamentos e outros elementos do realismo grotesco que eram corriqueiramente pronunciados pelos antigos. Outra manifestação cultural que cultivava a filosofia do riso era a linguagem familiar, com seus diálogos e vocabulário que rompia com a formalidade, as convenções e a seriedade.

Um dos grandes estudiosos do riso na época da Idade Média foi Mikhail Bakhtin (1895–1975), filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia, que desenvolveu a teoria de uma cultura universal de humor popular em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965), no qual fez uma análise da obra literária do escritor francês renascentista, mais precisamente da sua obra cômica *Gargantua e Pantagruel* (1552), em que criou o conceito de carnavalização, que é quando o mundo às avessas invade a vida cotidiana. Está vinculado à cultura popular que, ao valorizar a dimensão corporal da vida, tende a ridicularizar, parodiar e subverter a seriedade, os rituais fechados e as pompas dos poderes institucionalizados, seja imitando-os de forma caricatural ou divertindo-se sem pudores, através das festas carnavalescas, um momento festivo, que autorizava a livre expressão. É nesse meio que surge um fenômeno estético: o realismo grotesco, que se caracteriza pelo rebaixamento do clássico para o plano material, das manifestações contraditórias e do inacabamento. A carnavalização acaba com as hierarquias, com as diferenças de classe social, criando uma nova vida, livre de regras e restrições convencionais. Logo, o riso festivo, carnavalesco, é a forma de expressar essa libertação das normas e da ordem imposta pelo mundo erudito, instituições sociais como a Igreja e o Estado. E é assim que o humor vai assumindo sua face irônica e satírica, deixando de ser apenas jocoso, e a obra de François Rabelais se revela como catalisadora de uma cultura relegada às margens: o carnaval, a sátira e o realismo grotesco.

Posteriormente, o Renascimento trouxe consigo a liberação do riso, e pela primeira vez o riso se separa do popular e penetra no seio da grande literatura e da cultura, entendido como superior. É na modernidade que acontece a separação entre o discurso sério e o discurso não-sério, associando o humor ao cômico. Foi um período marcado por grandes mudanças políticas, econômicas, sociais e intelectuais, sendo um território fértil para o nascimento de estereótipos calcados nos valores da modernidade: status, raça, etnias, gênero, entre outros, que servirão de combustível para a produção do riso moderno. Nesse cenário, o riso toma outras proporções, contribuindo para a criação de obras de arte mundiais, como *Decameron* de Boccaccio, o livro *Rabelais*, o romance de Cervantes, as poesias de

Dante, Montaigne, os dramas e comédias de Shakespeare, entre outros. Todos utilizaram-se do humor para transmitir suas ideias mais complexas, inclusive consta nos registros que Nietzsche chegou a afirmar a necessidade de se desconfiar de qualquer verdade que não contivesse uma gargalhada.

Ao tratar da história do riso, não podemos deixar de citar o filósofo francês Henri Bergson (1859–1941), que fez sua contribuição com uma série de ideias e teorias marcantes. Entre as temáticas por ele estudadas, o riso é a que vai nos interessar neste trabalho. No final do século XIX, em 1900, publica o livro *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, no qual aborda o riso como uma função social, de caráter educativo e muitas vezes até repressor, uma vez que, para não ser vítima do ridículo, as pessoas tinham que se submeter às regras sociais, funcionando como uma espécie de corretivo, um castigo da sociedade. Bergson ainda destaca dois aspectos do riso: a necessidade de uma certa insensibilidade para que o riso tenha seu efeito completo, e seu caráter aglutinador. Atualmente, existem muitos estudos que comprovam essa força contagiante do riso. “Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco” (BERGSON, 1983, p. 8).

Bergson (1983) menciona três processos de criação da comicidade e 5 categorias da comicidade, que veremos a seguir:

1) Processo da Repetição: como o próprio nome diz, é a repetição de um movimento ou uma situação em diferentes momentos, podendo acontecer também no campo linguístico, quando uma palavra ou frase é repetida insistentemente, causando o riso e demonstrando a mecanização do comportamento, como se o indivíduo perdesse o controle dos seus atos;

2) Processo de Inversão: é quando acontece o imprevisto. O risível nasce do inesperado, do fato de ser surpreendido;

3) Processo de interferência das séries: se caracteriza pela duplicidade de sentido, ou seja, determinada situação pode ser interpretada não apenas com um único sentido. Esse processo também é possível no campo linguístico com o jogo de palavras que propicia a ambiguidade.

Agora passaremos rapidamente pelas categorias de comicidade:

- 1) Comicidade das formas: resultado da presença de uma deformidade física;
- 2) Comicidade do movimento: é a presença da repetição de gestos ou movimentos humanos;
- 3) Comicidade de situação: repetição de uma situação ou inversão de papéis;
- 4) Comicidade das palavras: acontece quando a constituição da frase, através da seleção das palavras, tem força cômica. É o jogo de palavras;

5) Comicidade de caráter: é quando fica evidente um certo desajustamento da pessoa à sociedade.

Segundo Suassuna (2002, p. 149), não é a virtude que torna o personagem cômico, é a imprudência, o excesso, a grosseria no uso da franqueza, a característica ranzinza, não sendo mais uma virtude e sim um vício. Em suma, para Bergson (1983), o riso acontece quando o mecanismo interfere no vivo e se destina à inteligência, à razão, à massa crítica do ser humano, uma vez que o universo do humor lida com múltiplas interpretações, ambiguidades e inesperadas diferenças.

Hoje, nas sociedades modernas ocidentais, o humor é convidado para as festas, mas ainda restam resquícios de sua marginalidade. O preconceito com o gênero é sentido pelos protagonistas do humor, que ganham a vida com a atividade humorística, pois mesmo ganhando ares intelectuais, ainda guarda uma característica na brincadeira, o que acaba sempre por descredibilizar. De qualquer forma, não se pode negar que, na modernidade, o humor incentivou laços de sociabilidade, eliminou alguns ressentimentos, estilizou a violência e se tornou instrumento de legitimação social, consagrando-se como necessário e imprescindível, sendo uma forma de falar e lidar com as verdades. Segundo o professor Elias Thomé Saliba, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP: “O humor é inerente à vida cotidiana e é uma das formas mais universais de comunicação, ele se difunde muito”¹.

Na atualidade, vemos também muitas pesquisas que associam o humor à saúde, mostrando que alegria, risadas e brincadeiras estimulam a liberação de substâncias químicas como endorfina e adrenalina, que aumentam a sensação de bem-estar e a energia. Essa valorização do humor, no mundo contemporâneo, acontece porque ele assume um aspecto de mercadoria, sendo interessante para os meios de comunicação e a para a própria sociedade, ou seja, dá dinheiro fazer humor hoje em dia, chama atenção e gera interação e engajamento, dois cifrões da era digital.

2.2 Teorias do humor

São inúmeras as tentativas de conceituação do humor, mas como vimos, o riso tomou muitas formas e significados ao longo dos séculos. O tempo provoca profundas

¹ As particularidades da linguagem humorística brasileira. **USP Online Destaque**, São Paulo, 20 out. 2015. Disponível em: <<https://www5.usp.br/noticias/cultura/as-particularidades-da-linguagem-humoristica-brasileira/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

transformações nas sociedades: alteram-se os hábitos, os valores, a economia, a política, e o humor acompanha essas mudanças, tendo, em cada momento, sua linguagem humorística. No início, assumiu o papel do patinho feio no meio acadêmico, e teve sua contribuição histórica ignorada, pois sempre foi muito difícil levar o humor a sério, tendo ele como objeto de estudo.

Como já visto no capítulo anterior, as teorias de Bergson e Bakhtin concentram-se na função do humor, e Bergson descreve o riso como uma tarefa de corrigir as falhas humanas que não se adaptam à sociedade. Já Bakhtin considerava o riso um instrumento de combate ao autoritarismo, intolerância e falsa moralidade. Ambas as concepções apresentam a função social do humor, porém enquanto uma tem um caráter educativo, a outra revela sua veia contestadora, transgressora e subversiva. Além de Henry Bergson e Mikhail Bakhtin, outros filósofos se aventuraram na teorização da natureza do humor para compreender os traços e explicar a inclinação humana pelo cômico. Vou resumir as 3 principais teorias:

Teoria da Superioridade, a mais antiga delas, desenvolvida por Thomas Hobbes (1588–1679), com muita influência dos pensamentos de Platão e Aristóteles. Essa teoria consiste na expressão de superioridade em relação ao objeto de riso, que por sua vez se encontra em uma posição de desvantagem. Hobbes, em sua obra *Leviatã*, liga o riso e o humor ao egocentrismo, que mascara o mal-estar para o tornar aceitável. A ideia central dessa teoria é que o humor sempre elege uma vítima para ridicularizar, como é o caso das piadas com minorias, negros, loiras, portugueses, nordestinos. O riso é provocado pelas pessoas que apresentam algum defeito ou cometem um erro, facilitando assim o surgimento de estereótipos, como o bêbado, o esfomeado, o sovina, entre outros. Há muitas críticas a essa teoria, devido à sua amplitude, uma vez que ela não abrange todos os tipos de humor, como o riso de si mesmo e o riso proveniente do jogo de palavras, excluindo assim um elemento muito importante do humor: a incongruência.

A Teoria da Incongruência, ou Teoria Cognitiva, é a mais ampla das teorias, no sentido de abarcar quase todas as situações humorísticas. É associada a Immanuel Kant e a Arthur Schopenhauer, que defendem que o riso é a expressão da incongruência percebida por quem ri. É do contraste, da dissonância cognitiva, da quebra de expectativa que nasce a comicidade. Na obra de Schopenhauer, o sério é a completa harmonia entre o pensamento e a realidade, já o riso aparece em oposição ao sério, por revelar a incongruência entre o que se pensa e a realidade, trazendo luz aos fatos inconvenientes. O contraponto da teoria da incongruência é que nem toda incongruência provoca riso.

Essa teoria tem uma certa semelhança com a Teoria Conceitual ou Semiótica, defendida por Arthur Berger (1993), que afirma que o humor acontece na análise do paradoxo, ou seja, da dissonância cognitiva. Nesse sentido, então, temos a piada sendo conduzida em uma direção até que, de repente, há um salto paradigmático. Esse salto, com mudança de sentido, é o paradoxo a ser analisado. Contudo, a linha conceitual exigirá do leitor um repertório mais sofisticado para que ele seja capaz de decodificar os significados. Outro estudioso que vem corroborar nesse campo é o neurocientista Scott Weems (2016), que afirma que o humor está no esforço que a mente faz, usando a confusão e transformando-a em pensamentos complexos e novas soluções, uma vez que o nosso cérebro aprecia o conflito. Sendo assim, o riso é um mecanismo de defesa, uma forma de lidar com o conflito, a incongruência. Portanto, essa incompreensão inicial levará a pessoa a decodificar a situação utilizando-se de um ajustamento semântico, até que encontre um novo sentido. Essa linha de pensamento está baseada na surpresa. Exemplo disso é o *nonsense*, em que o absurdo é inesperado, causa estranheza e surpresa, e, por isso, provoca o riso.

A Teoria do Alívio, ou a Teoria da Libertação, desenvolvida por Freud (1995), é um alívio das repressões e restrições impostas pelas exigências sociais. Muitas vezes, para nos adequarmos à sociedade, temos que reprimir desejos e instintos que são socialmente reprovados e é daí que se originam os sonhos e o riso. Assim se dá o fato das piadas de teor sexual, malícia e moral serem tão populares. Para explorarmos os pensamentos proibidos, é preciso distrair a moralidade, e o humor exerce essa função, funciona como ferramenta que engana a censura. Basicamente, essa teoria defende que o humor é uma válvula de escape para as tensões causadas pela censura e vai muito de encontro com os pensamentos de Bakhtin, que considerava o humor uma manifestação que repudia a opressão.

Por fim, trago uma última teoria, esta no âmbito linguístico, que trata da construção do humor como um mecanismo semântico, chamada de Teoria Semântica do Humor Verbal, elaborada por Victor Raskin², sendo uma derivação da teoria da incongruência. Essa teoria diz que o humor deve operar na mudança de mundos de comunicação, trabalhando com dois *scripts* superpostos e a instituição de um gatilho. A explicação da construção do humor acontece no jogo de palavras, na multiplicidade, na ambiguidade, na repetição e na inversão dos sentidos.

A verdade é que cada teoria se aprofunda em um aspecto do humor, mas nenhuma delas abrange todos os tipos de humor.

² Cf. Rosas (2003); Oliveira & Cabral (2013).

2.3 Anatomia do Humor

Na linguística existem diversas modalidades de textos, a saber: a descrição, a dissertação, a narração, entre outros. O texto humorístico é predominantemente narrativo, com a presença de personagens típicos e estereotipados. Segundo Luiz Carlos Travaglia (2015, p. 50), os textos humorísticos não são uma comunicação confiável, pois há um rompimento com a seriedade. Esse rompimento da confiabilidade se dá devido à bissociação dos sentidos/objetivos, que faz com que o indivíduo pense estar indo para uma direção, mas de repente, através do gatilho, que é o elemento linguístico, desencadeia a comicidade e, no final, o receptor se encontra em outra direção. Portanto, é a partir do contraste e da oposição que se constroem muitos sentidos cômicos.

No livro de Ana Cristina Carmelino intitulado *Humor: eis a questão* (2015, p. 54), a autora apresenta, baseada em Travaglia (2015), oito categorias de análise do humor e seu funcionamento. São elas:

1. Humor quanto à composição: descritivo, narrativo ou dissertativo, significa o modo de interação com o interlocutor;
2. Objeto do Humor: crítica social, denúncia, liberação psicológica, riso pelo riso;
3. Humor quanto ao grau de polidez: humor de salão, humor sujo ou pesado, humor médio;
4. Humor quanto ao assunto: negro, sexual, erótico ou pornográfico, social ou étnico;
5. Humor quanto ao código: verbal ou linguístico, não-verbal;
6. Características linguísticas: pouco formal, com variedade de termos não muito polidos;
7. *Scripts* que levam ao humor: estupidez, burrice, esperteza, astúcia, ridículo, absurdo, mesquinhez;
8. Mecanismo (bissociação — recursos para criar o humor): cumplicidade, ironia, mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, ambiguidade, uso de estereótipos, contradições, sugestão, descontinuação de tópico, paródia, jogo de palavras, trava-língua, exagero, desrespeito de regras convencionais, observações metalinguísticas, violação de normas sociais, tudo que procura enganar o interlocutor.

Quanto aos gêneros do texto humorístico, são classificados entre os necessariamente humorísticos, como a piada/anedota, tira, cartum, charge, charge-okê (paródia musical), esquete, farsa (peça teatral), comédia, etc, e os eventualmente humorísticos, que englobam

os contos, novelas e romances. Neste capítulo vamos listar os gêneros do humor, a começar com os estritamente humorísticos.

As anedotas ou piadas são textos curtos, de temática popular, com linguagem simples e coloquial, que relatam um fato curioso, jocoso, picante, baseado ou não em fatos reais. Geralmente elas não costumam ter autor, são textos coletivos com o objetivo de divertir. A diferença entre a piada e a anedota é que a primeira é mais direta, objetiva e muitas vezes apresenta um final surpreendente, já a anedota sempre apresenta um duplo sentido, provocador do riso. É muito comum na cultura brasileira utilizar os estereótipos, que são elementos discursivos materializados na piada. O cartum, por sua vez, é uma anedota gráfica, que alinha a linguagem verbal com a visual para passar a mensagem, e pode ou não ter legendas e falas. Geralmente, tratam de temas da atualidade, atemporais, com objetivo crítico, retratando a vida de uma sociedade e visando satirizar os comportamentos humanos. Por ser tematicamente universal, não necessita de contexto para ser entendido. As tiras e as charges fazem parte do segmento de histórias em quadrinhos, assim como os cartuns. As tiras geralmente são utilizadas para críticas sociais, já as charges também são veículos de crítica social, com a diferença de que a crítica da charge é temporal, porque identifica e ilustra, por meio da sátira, os acontecimentos atuais que despertam o interesse público. O termo charge tem origem na língua francesa: *charger*, que significa carregar, exagerar para provocar o riso, e geralmente retratam o ponto de vista do autor ou veículo.

Ainda no gênero da charge, temos duas variações: a charge animada, que se difundiu com as redes sociais e televisão, exemplo: a obra do cartunista Maurício Ricardo Quirino para o programa Big Brother Brasil, da TV Globo e a charge-okê, uma paródia musical, derivada do karaokê, que também visa a denúncia e a crítica social. A caricatura é o desenho real de uma personalidade, que consiste em captar um movimento às vezes imperceptível e torná-lo visível aos olhos de todos, mediante sua ampliação, exacerbação e exagero.

Seguindo com o gênero necessariamente humorístico temos os esquetes, que são cenas dramáticas ou peças de duração curta, veiculadas na televisão, teatro, circo (entreatos) e atualmente com grande força na internet. É a encenação de uma piada, com caracterização de personagens, cenário, ou seja, uma cuidadosa produção e geralmente também é um canal de crítica social. A paródia é a releitura de uma obra já existente — texto, fala, música —, que usa a ironia para ridicularizar a realidade. É comum o tom de deboche, utilizando termos chulos e linguagem coloquial. Exemplo disso são os Doutores da Alegria, uma paródia que brinca com a figura do médico.

Outro gênero que recorre intensamente ao humor são as comédias, nascidas na Antiguidade, com o culto à Dionísio, deus do vinho, da embriaguez, da comunhão e da solidariedade, sempre celebrado com festas, danças, fantasias e deboche. É um gênero crítico burlesco e cômico, que satiriza diversos aspectos da sociedade desde os costumes, hábitos, moral, figuras nobres, instituições políticas, dentre outros. Tem também o pega, conhecido como pegadinha, que tem frequentemente a estupidez, a burrice e a esperteza como *script*, com o objetivo de fazer o interlocutor parecer um tolo.

Por fim, os gêneros que eu chamo de pequenas graças: o cúmulo, que são pequenas frases, que expressam absurdos, exemplo: o cúmulo da sorte é ser atropelado por uma ambulância; o trava-língua, que é uma sequência de palavras, cuja pronúncia causa dificuldade, exemplo: o tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem; e o trocadilho, que é o jogo ambíguo de palavras com sons parecidos ou iguais, que provocam muitas interpretações.

Quanto aos gêneros eventualmente humorísticos, as crônicas são leituras rápidas, com temáticas modernas relacionadas a acontecimentos do cotidiano, e geralmente apresentam caráter reflexivo, polêmico, irônico e engraçado. Tem também as sátiras, que geralmente são humorísticas e consistem na ridicularização de pessoas, instituições, situações, hábitos e costumes, com o objetivo fazer uma crítica social construtiva, utilizando-se da ironia e do sarcasmo para chamar a atenção da sociedade. Os contos são textos narrativos curtos, que envolvem enredo, personagem, tempo e espaço. E finalizando os gêneros que queremos descrever neste trabalho, temos a novela, grande queridinha do povo brasileiro. Novela é uma trama exibida em capítulos, que utiliza linguagem objetiva e costura uma variedade de temas em determinados núcleos de personagens. Sua característica principal é a sequencialidade dos fatos.

O humor em seus diversos gêneros utiliza-se de figuras de estilo de linguagem para oferecer maior expressividade, formando os subgêneros. Assim sendo, temos o humor irônico, também conhecido como zombaria, que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando explícito uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos. No humor sarcástico temos dose de ironia, porém com uma intenção mais mordaz, cruel. Enquanto o irônico visa mostrar a simples contradição voluntária, o sarcasmo é provocador, agressivo, destrutivo e feroz; e que também se diferencia do humor negro, que é um humor direcionado para a comédia, para divertir as pessoas usando temas macabros, mórbidos, preconceituosos e muitas vezes tabus. O humor negro é também chamado de humor ácido, e tem como objetivo chocar, causar desconforto e provocar

reflexão sobre questões difíceis de abordar. Outro subgênero é o humor inesperado, que traz a surpresa, um fator muito próprio do humor.

O fato é que a figura do bufão, ou seja, o humorista, traz à tona a verdade e diz em voz alta o que muitos apenas pensam, tudo isso regado a muita risada e inteligência.

2.4 Humor para que?

Na Antiguidade, o riso não tinha espaço dentro da seriedade da reflexão filosófica. Na Idade Média o riso foi demonizado, considerado coisa de bruxa. Foi a partir do Renascimento que o humor começou a ser aceito e, assim, incorporar funções sociais, políticas, psicológicas, biológicas e neurológicas que foram sendo descobertas com a evolução dos estudos e da pesquisa. Hoje estamos constantemente vivenciando diversas situações de humor ou que demandam desse importante recurso para lidar com a vida e suas mazelas.

Como já descrevemos aqui, Bergson acredita que o riso serve como um trote social, um castigo a quem não consegue se adaptar às normas convencionais da sociedade. Além disso, destaca um importante aspecto do riso, que é o fato dele ser agregador, aglutinante, que facilita as interações, as comunicações e a aprendizagem. Outra função do humor, exposta por Bakhtin, defende que pode funcionar como um instrumento de combate à opressão. O riso é uma forma de liberdade e inclusão social.

A verdade é que o humor sempre oculta uma segunda intenção. Ora funciona como uma grande cartase, uma forma de compensação, um modo de expressar o que não consegue ser dito de outra forma, tornando as coisas mais leves e passíveis de serem aceitas. Ora transforma as dores e as tragédias em melódicas gargalhadas, funcionando como uma lente protetora. O humor sempre foi um importante instrumento de crítica social e uma forma de resistência política, como no Pasquim, importante veículo de informação, impresso no início do século XX, que tinha como principal objetivo contestar o regime. A transgressão e a ousadia estão na essência desse estilo, uma vez que permite revelar outras possibilidades e desmontar falsos equilíbrios e status.

As indústrias do entretenimento e da publicidade também se utilizaram da linguagem do humor para se comunicar e persuadir, fazendo emergir as primeiras manifestações da indústria cultural no Brasil. O humor na publicidade foi exaustivamente explorado, porque possibilita uma maior interação do produto com o consumidor, criando assim uma maior simpatia pelo produto e conseqüentemente conseguindo mais sucesso e popularidade no

mercado. Certamente o humor mais utilizado na publicidade é aquele que provém da incongruência, devido à fácil compreensão, por não exigir do leitor uma decodificação complexa. Com a entrada da classe C no mercado de consumo, entre os anos de 2004 e 2010, acontece um choque cultural, impactando diretamente a mídia e a forma do discurso de venda das marcas, e focando em valores significativos para esse público em específico. Dessa acessibilidade nasce a patrulha do politicamente correto, que sai em defesa dos grupos minoritários com a intenção de incluir e trazer mais informações para as pessoas, o que, de certa forma, acabou impactando as produções humorísticas, uma vez que tiveram que ser mais cuidadosas. O humor de superioridade dificilmente encontra espaço na publicidade, pois as agências evitam provocar reações sociais negativas. E, finalmente, o humor conceitual, muito utilizado para instigar, provocar e brincar com a inteligência das pessoas, fica para as peças que exigem um repertório mais sofisticado para seu entendimento.

3. HUMOR(ZINHO) BRASILEIRO

Para começarmos a falar do humor brasileiro, não podemos deixar de recorrer às nossas raízes, que vão fornecer um fértil e providencial terreno para o cultivo da linguagem do humor e que, em muitos momentos, nos conduzirá a um mecanismo de digressão da realidade, e em outros estampar a verdade nua e crua.

3.1 Resgatando nossas origens

“Somos ainda hoje uns desterrados em nossas terras” (HOLANDA, 1995, p. 31). O Brasil tem uma história muito particular. E é dessa particularidade que sempre nos escondemos, reforçando o conceito de preconceito reativo, de Florestan Fernandes³, que significa a preferência em negar a reconhecer. Por vezes, a narrativa histórica trabalha para engrandecer certos eventos e suavizar os problemas, como foi o caso do nosso processo de mestiçagem, ou seja, o surgimento de uma nova etnia, onde se enaltece uma unidade nacional harmônica e sem conflitos, ocultando assim grandes disparidades e contradições. Esse e outros antagonismos que vamos expor acontecem na tentativa de manipular e forjar a história do povo brasileiro, contada sob o espectro do branco europeu, fazendo parecer natural e, construindo assim, mitos sociais inquestionáveis.

Não é possível apagar o fato de que fomos uma colônia de exploração, onde o interesse maior não era estabelecer-se no território, construindo um prolongamento de seus domínios, e sim feitorar uma riqueza fácil. É dessa configuração que começamos a erguer os pilares da nossa identidade: escravismo, patrimonialismo, patriarcalismo e desigualdade social, que vão formar uma sociedade violenta, autoritária e intolerante.

O povo brasileiro surge nas bases de um sistema escravocrata que durou mais de três séculos, construindo um distanciamento social entre as classes dominantes e as classes subordinadas, e contribuindo para a formação de um modelo de caráter traumático até os dias de hoje. Mesmo assim, o brasileiro, renunciando à sua personalidade e recorrendo a uma cega e conveniente obediência, orgulhava-se de uma falsa democracia racial, obliterando profundos abismos que separavam os estratos sociais e a hierarquia ferrenha que se instalava, criando um clima de tensão e opressão. Nessas condições, imbuídos de um forte sentimento de amargura, fomos marcados historicamente por lutas das mais sanguinárias, que de nada

³ Cf. Nunomura (2017); Ribeiro (2015); Fernandes, Pereira & Nogueira (2006).

adiantaram para reorientar o curso da nossa história. A escravidão deixou marcas no Brasil que moldam condutas, instauram a desigualdade social e cultivam um ambiente favorável para a instalação da violência, uma vez que determinava a raça e a cor como marcadores de diferenças fundamentais na sociedade.

O patrimonialismo é outra herança que ancorou nossas origens, nos propiciando uma inabilidade intrínseca de pensar na coletividade. O termo é o resultado de um entendimento equivocado da relação do Estado e sociedade, tratando o Estado como um bem pessoal, abrindo assim premissas para a corrupção. Foi quando os portugueses, incapazes de ocupar o vasto território e, com o intuito de preservar seus interesses, implantaram aqui o regime das donatarias, faixas de terras que foram distribuídas para uma série de colonos, delegando autoridade pública e a missão de colonizar. Assim inicia-se o mandonismo, pequenos e grandes senhores de terra detinham o poder de mando sobre os habitantes daquelas terras. Contudo, essas terras e títulos eram concedidos pela coroa portuguesa em troca de serviços e favores prestados, e não por hereditariedade, como era a tradição. Isso acarretou em uma ascensão social facilitada, e camadas populares com mentalidades primitivas, ao adquirem poder, tinham direito até de impor pena capital. Essa dissolução da tradição acaba por fazer florescer mais contradições. Para justificar seus postos de nobreza, a maioria inventava suas raízes e se entregava à arte da imitação, tendo como princípios orientadores não mais a tradição e sim as aparências.

Outro pilar que acabou sustentando nossa sociedade foi o patriarcalismo, que consiste em uma construção social na qual os homens detêm o poder social e exercem as funções de liderança. No domínio da família é a figura do pai bondoso que centraliza a autoridade, e à mulher sobrava o papel secundário. Com isso, a família colonial passa a representar o poder e o respeito, servindo de modelo para pautar as relações e a vida política. Nessa direção, como Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 85) cita em seu livro, o princípio da economia política que vigorava naquela época era “todo o soberano deve considerar-se como chefe ou cabeça de uma vasta família e conseqüentemente tem o compromisso de amparar a todos, como filhos e cooperadores da felicidade geral”. Esse trecho do livro *Raízes do Brasil* nos revela o caráter paternal, vendendo uma imagem generosa e cobrando, assim, de forma velada, obediência e cordialidade. Está clara aqui a invasão dos interesses privados e a ausência da esfera pública, uma vez que primeiro vinham os interesses e os benefícios particulares, e depois o que se designa como República, interesses coletivos, usando o Estado para resolver problemas pessoais e legitimar ações. Nesse imbróglio, reina a impessoalidade nas relações e se expõe uma cidadania precarizada que se arrasta até os dias de hoje,

impedindo o progresso. É assim que surge a figura do homem cordial, mais uma vez trazendo Holanda como referência. Durante muito tempo esse conceito foi deturpado em sua interpretação, comprovando a nossa preferência em evadir-nos da realidade. O homem cordial não pressupõe bondade, hospitalidade, generosidade, como muitos gostam de traduzir, mas o predomínio de comportamentos de aparência, veja bem, aparência afetiva, uma espécie de disfarce que preserva o fundo emotivo em detrimento da aplicação da razão. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia em que se estabelece a intimidade para tirar vantagens. Nessa direção, vemos o emprego do diminutivo forçando uma falsa familiaridade, o trato pelo primeiro nome, se desfazendo do sobrenome, mesmo porque não carregavam em seus sobrenomes a tradição herdada de gerações.

Agora, tristeza mesmo é lidar com a vergonhosa desigualdade social, herança esta que nasceu no passado e se perpetua até os dias de hoje, adquirindo variações e ramificações. E o que o brasileiro faz? Tenta varrer tudo para baixo do tapete, sendo necessário uma pandemia para trazer à tona um dos maiores fenômenos que nos assola há séculos, chegando a ser traço estruturante de nossa formação. É desigualdade econômica, racial, regional, é desigualdade de gênero e geracional, é desigualdade por todos os cantos deste país, até no acesso aos direitos básicos do ser humano. E mesmo estampada aos quatro cantos, tenho a sensação que temos um comportamento passivo frente a essa questão. Essa postura da sociedade é traduzida e justificada perfeitamente nesta frase de Lilia Schwarcz (2019, p. 223): “É mais cômodo conviver com uma falsa verdade, do que modificar a realidade”.

Ainda com autora: “A história costuma ser definida como uma disciplina com grande capacidade de lembrar. Poucos se lembram, porém, do quanto ela é capaz de esquecer” (SCHWARCZ, 2019, p. 223).

Temos que aceitar nosso passado violento, que dizimou e promoveu a deculturação dos povos indígenas e negros. Assumir que somos uma nação racista, preconceituosa, submissa, subdesenvolvida, desigual e corrupta. Quem sabe se olharmos para os fatos sem suavizar possamos caminhar para frente e construir um futuro verdadeiro e consciente. “Um povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la” (SANTAYANA, 1905 apud SCHWARCZ, 2019, p. 7).

3.2 Jornada do Humor no Brasil

A atividade humorística no Brasil começa a ter sua representatividade no que chamam de Belle Époque, que aconteceu nas duas décadas finais do século XIX, coincidindo com a

transição do regime monárquico para a República. Não que antes não existissem expressões de humor, mas como sempre carregando o seu fardo, a produção de cunho humorístico sempre foi marginalizada e, antes desse período, ela se restringia apenas aos rodapés dos periódicos semanais. Sim, foi na imprensa que o humor ganhou novas dimensões, principalmente com o surgimento das revistas humorísticas, que possibilitaram o avanço ao acesso do público leitor.

Se por um lado vivíamos um momento de grande expectativa, com a inauguração dos tempos modernos, quando todos os intelectuais, jornalistas e pensadores estavam esperançosos com a oportunidade histórica de dar novos rumos para nosso país e, assim, colocá-lo em pé de igualdade com o mundo ocidental, do outro lado, nos deparamos com nosso passado sombrio, com as cicatrizes que insistíamos em apagar. E foi assim que os dilemas começaram a pressionar. Quem é o brasileiro? Como pensar em uma identidade nacional sem considerar nossa herança escravista, nosso Estado corrompido, nossa instabilidade populacional, nosso processo precário de urbanização? Uma sociedade elitista que começa a transitar entre os processos da modernização, mas que ainda é regida por fundamentos extremamente antiquados e tradicionalistas. Como resolver essa realidade paradoxal?

A verdade mesmo é que, como vimos nos capítulos anteriores, o humor nasce da contradição, do estranhamento, do inesperado e isso tudo é a essência do brasileiro. Antes mesmo de ser trágico, somos cômicos por natureza, uma vez que nossa realidade já se apresenta de forma contraditória. O humor no Brasil é inerente ao nosso dia a dia.

E assim, a produção humorística vai trilhando sua trajetória na história brasileira. Com a separação dos jornais, as revistas ganham mais autonomia e caem no gosto popular, ganhando periodicidade semanal e tornando-se espaço cativo do humor. De início, era somente tolerado o bom riso, aquele que não constrange nem rebaixa o objeto do riso. Entretanto, com o fervor do momento, influenciado por diversas lutas políticas, a produção cômica revelou o humor degradante e pejorativo, que caracterizava o mau riso. Esse humor, produzido no período de transição da monarquia para a República, ficou conhecido como humor da desilusão republicana, definido pelo seu caráter ofensivo, cheio de farpas, rancor, instigando intrigas e cultivando os ressentimentos sociais. Apesar de ter assumido um caráter agressivo em diversos momentos, a Belle Époque brasileira foi palco do surgimento de um tipo de humor que foi chamado de humor civilizador, uma vez que teve que lidar com um momento de grandes transformações sociais. Era comum vermos a sátira da visão da elite e a tradicional invasão da perspectiva privada na esfera pública. O papel do humorista sempre

sofreu muito preconceito, não sendo considerado parte do circuito da cultura culta, reivindicando sempre reconhecimento e aceitação pública. Com isso, muitos autores dessa época utilizaram em suas obras a linguagem humorística, mas nem todos assumiram a autoria, recorrendo, em diversos casos, a pseudônimos.

Seguindo a trajetória da produção humorística, o avanço das tirinhas, charges e caricaturas se deu nos anúncios publicitários, que encontraram nos humoristas desse tempo verdadeiros redatores que traziam todo seu talento verbal e lúdico adaptado para a rapidez e automaticidade da mensagem publicitária. Surge, então, uma chuva de trocadilhos. Tempos depois surgiram os teatros de revista, que são roteiros completos que misturavam diferentes linguagens, como teatro, música, dança, poesia e humor. As críticas políticas tornaram-se o principal tema do teatro de revista, que ainda se utilizaram das marchinhas de Carnaval, tendo como função o divertimento das pessoas. Como Elias Thomé Saliba nos conta em seu livro *Raízes do Riso* (2002), a paródia foi a técnica mais utilizada pelos humoristas para representar a realidade brasileira. Em momentos de crise política, elas adquiriam um tom agressivo como forma de retaliação moral, contra a recusa da classe dominante em aceitar a imensa classe popular. Frequentemente se utilizavam as línguas estrangeiras para zombar das influências imigrantes e do caráter cosmopolita que o processo de metropolização acarretava, dando início, assim, ao estilo macarrônico, que foi característica da literatura satírica dessa época, classificada como anarquia humorística pelos excessos da língua e a inclusão do ressentimento e preconceitos sociais. Esse estilo se mostrou com maior intensidade em São Paulo, na forma de crônicas, que teve um crescimento urbano, marcando um período de grande ebulição social.

A narrativa humorística, nascida para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história, misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o universo tácito da convivência personalista é que se construiu uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, por efêmeros momentos, a sensação de pertencimento que a esfera pública lhe subtraía. (PEDERNEIRAS, 1924 apud SALIBA, 2002, p. 192)

Mais uma vez registramos nossa eterna e angustiada busca por um sentido nacional, algo que represente esta nação de tamanha diversidade e contradições. Um dos caminhos foi recorrer a representações cômicas, nas quais o humor se mostrou com forte conteúdo emocional e com a função determinante de promover o alívio, descarregar no riso as mazelas da vida. É por isso que o brasileiro é conhecido por ser um povo que ri de si mesmo, pois é

assim que ele aprendeu a receber, aceitar e lidar com suas idiossincrasias. Como Elias Thomé Saliba (2002, p. 304) conclui em seu livro:

O humor permitia, assim, tanto na vida cotidiana como nas situações coletivas, livrar-se, pela irreverência, de autoridades e gestos incômodos, de si mesmo ou de outros, dando ao indivíduo, por efêmeros momentos, a sensação de pertencimento que o nível público lhe subtraía e que, lentamente, ele tentava conquistar.

Certamente, foi no jornalismo que o humor encontrou, na Belle Époque, seu berço esplêndido. Seus diversos desdobramentos, como o teatro, a publicidade e a música acabaram acompanhando o desenvolvimento da indústria fonográfica. Em 1930, aconteceu a implantação do sistema radiofônico que, junto com a criação humorística, formaram a audiência perfeita. Assim, o rádio invade a vida doméstica, ganhando abrangência e penetração, e o que antes foi pensado para ter uma função educativa acaba caindo nas graças e adquirindo uma função de entretenimento, utilizando o humor como um dos elementos fundamentais da sua linguagem própria. Diversos humoristas passaram pelo rádio e fizeram fama com a interpretação de personagens de tipos comuns da vida brasileira, que estão sempre à espera de alguma coisa ou reclamando da falta de dinheiro, ora a miséria pessoal, ora a miséria pública. Os temas de morte são tratados de forma ingênua e suavizados pelo jogo de palavras, com o arremate gaiato, recurso humorístico típico do rádio usado para trazer alívio através do riso. O estilo do humor de rádio casou perfeitamente com as músicas de traços populares e, muitas vezes, foi recriminada por utilizar palavras chulas e propagar o mau português.

Depois da imprensa e do rádio, vem o humor no cinema. As primeiras películas seguiam modelos genéricos que eram importados: os documentários, os filmes falantes e os cantantes, os filmes sacros, as comédias e os policiais. Estes últimos se destacavam entre os modelos narrativos preferidos, porém foram as comédias que se transformaram no gênero mais popular do cinema brasileiro, por ter uma mistura de tudo: bagunça, maldade, conflito, infidelidade, atitude transgressora em relação à moralidade e à autoridade, uma multiplicação de estereótipos. Foi por volta da década de 40 que ouvimos as chamadas de chanchadas, produções humorísticas, muito similares às atrações circenses, que não se preocupam em passar uma mensagem, nem apresentar um acabamento estético, tinham único objetivo: entreter e divertir. Para os eruditos da cultura, as chanchadas representavam o submundo do cinema, uma vez que reuniam todas as orgias do mundo cinematográfico, como deusas, personalidades, políticos, índios, faraós, gângsteres, bailarinas, personagens teatrais, etc.

Depois das chanchadas, em um momento de forte crise política que culminou na censura aos meios de comunicação, surgiram as pornochanchadas, a partir da intensificação do processo de fazer imagem sem qualquer qualidade. Estas trabalhavam com a precariedade da classe artística e da tecnologia da indústria cinematográfica.

A década de 50 é marcada pela chegada da televisão no Brasil, quando acontece a primeira transmissão trazida pelo jornalista Assis Chateaubriand, proprietário da cadeia de rádio Emissoras Associadas, que decidiu implantar a televisão no país. O início das produções foi marcado por um caráter de aventura, sendo os primeiros anos caracterizados pela aprendizagem, com improvisos ao vivo. O alto custo do aparelho televisor, que era importado, restringia o seu acesso às classes mais abastadas. Contudo, já nos seus primeiros anos de vida, o humor garantiu seu espaço nesse meio de comunicação, uma vez que é um ponto de partida muito vantajoso quando se quer conquistar e cativar o espectador. O riso, na televisão brasileira, ocupou por muitos anos horário de destaque na grade de programação das emissoras, visando o entretenimento como lazer. Herdeiro do teatro, passando pelo rádio, o programa humorístico dos primeiros tempos da televisão sofreu influência direta do teatro de revista. Os principais temas humorísticos continuavam sendo o relato e, na TV, o retrato de situações cotidianas, sempre com o compromisso de apontar e criticar hábitos da sociedade, e, por vezes, rindo de seus próprios desarranjos. A década de 60 foi um período de inovações na televisão, com as evoluções técnicas das emissoras e o videoteipe passar a ser utilizado com mais regularidade no programa *Chico Anysio Show*, permitindo que os erros ao vivo fossem previamente corrigidos e que o programa pudesse ser reprisado diversas vezes. Os programas de auditório que começaram como programas de humor nos anos 50 ganham força com o carisma dos apresentadores: Chacrinha, Flavio Cavalcanti, Hebe Camargo e Silvio Santos.

No período histórico da ditadura civil-militar (1964–1985), em um contexto de repressão política e censura, o humor intensificou seu caráter transgressor, se valendo de uma linguagem criativa, informal e irreverente, atuando corajosamente na resistência contra a ditadura. A imprensa alternativa, os nanicos, como ficaram conhecidos, tiveram um papel fundamental na luta contra o regime. Editados em formato tabloide, não se deram por vencidos e se mantinham denunciando a violência, a covardia, os abusos, as lutas e os desmandos da ditadura. Dentre tantos, Pasquim se tornou o símbolo da resistência contra o regime militar, marcado pela sua crítica bem humorada, ousada e muitas vezes escrachada. Outra classe de grande destaque foram os artistas e músicos que, nas entrelinhas, diziam o que não podia ser dito.

Tentaram nos calar, mas foi com o humor que resistimos. A comédia foi, sem dúvida, o gênero dramático mais prestigiado na nossa produção dramática. Foi na paródia que a nossa cultura sufocada encontrou sua principal arma de reação popular contra o autoritarismo da ditadura e as algemas da colonização.

3.3 Etnografia do Humor — Relação com o humor atualmente (resultados do campo online)

Um ano atrás, nunca imaginaríamos o cenário atual. A pandemia do coronavírus transformou o mundo, criando novos hábitos e deflagrando muitas questões que estavam despercebidas. A quarentena, além de mudar muitos hábitos, também destruiu nossas rotinas, deixando nosso futuro em suspenso. Com o isolamento social, passamos a dar mais valor às pessoas que estão ao nosso lado, porque, em um piscar de olhos, podem não estar mais. Nossos laços de amizade estão se intensificando, a distância só nos deixa saudade. As pessoas estão indo em busca de animais de estimação como forma de apoio emocional em tempos tão difíceis. E neste cenário, como fica a relação das pessoas com o humor?

Fizemos um questionário⁴ online que rodou em agosto de 2020, com o link sendo distribuído pelas minhas redes sociais e grupos de WhatsApp. Nossa amostra foi composta de 100 participantes respondentes, o que nos permitiu entender vários aspectos sobre o humor, inclusive no contexto atual.

Partimos em busca da captura dos momentos, lugares e situações por onde as pessoas andam encontrando humor em suas vidas. E, devido ao momento que estamos vivendo, vi que o humor aparece principalmente em situações cotidianas, que envolvem a família, *pets* e amigos. Isso porque as pessoas estão passando mais tempo em casa, desfrutando de mais tempo em convívio familiar. Sem contar que, com o medo iminente da morte, mesmo as pessoas mais antissociais estão intensificando seus contatos, buscando entretenimento e, até mesmo, se certificando que as pessoas importantes para elas estão bem. E é nessas interações que nascem as risadas.

Grande parte dos participantes estão indo buscar humor no maior veículo de entretenimento de massa, a televisão, seja na forma tradicional ou via *streaming*, assistindo filmes, séries e programas de TV. E, por fim, mas nem por isso menos importante, temos a

⁴ Roteiro do questionário presente no Apêndice A.

internet, que se tornou um grande fenômeno e, através das redes sociais, tem sido grande disseminadora do humor.

Com a intenção de construir o universo do humor, constatei que ele gira muito em torno do riso, sendo a palavra — com suas variações riso, risada, rir, gargalhada, sorriso — a mais mencionada no campo de pesquisa. Em seguida, as sensações e sentimentos de alegria, leveza, descontração e felicidade também compõem esse universo. Outra palavra que teve grande recorrência foi amigos, validando a ideia do humor ser algo para ser compartilhado com outras pessoas. As formas de humor, como piada, trocadilhos, *stand up* e comédia também apareceram como associações diretas ao humor. Ficou muito claro que o humor está no âmbito da satisfação, do prazer, do bem-estar e tem vocação de provocar relaxamento, alívio e desconpressão.

Quando me referi à presença do humor no cotidiano, no geral, as pessoas costumam afirmar espontaneamente que o humor tem presença garantida no seu dia a dia, sendo, para muitos, uma maneira de ver a vida, um olhar que vem de dentro, quase como se fosse uma característica ontológica. Alegam serem intensamente impactadas por situações engraçadas, piadas, memes, mas que também enxergam o humor nas coisas simples da vida, como por exemplo nas relações interpessoais. Alguns poucos admitem não terem tanta relação com o humor em suas rotinas, uma vez que o dia a dia é lotado de responsabilidades, não sobrando espaço para a descontração.

Ao questionar as funções do humor na vida de cada um, fica muito claro que ele serve, principalmente, para trazer leveza para a vida das pessoas, ou seja, tem a função aliviar o estresse, de ser uma forma de desconpressão. O humor também é compreendido como uma forma de curtir a vida e facilitar as relações.

Foi comprovado, em muitas pesquisas, que o senso de humor transita no topo da lista dos traços de personalidade que as pessoas mais desejam em um parceiro. Segundo Scott Weems (2016, p. 189) no livro *Há! A ciência do humor*:

Um estudo de 2007, publicado na revista *Archives of Sexual Behavior*, descobriu que o senso de humor era a segunda característica mais desejada, atrás apenas de inteligência. As mulheres classificaram-na em primeiro lugar. Para os homens era a número três, depois de inteligência e boa aparência.

Existem os participantes que colocam o humor em uma espécie de pedestal, como sendo uma filosofia de vida, que alimenta a alma, um guia das atitudes, utilizando formas poéticas para se referir à função do humor.

Piadas, filmes, seriados, memes, vídeos e *stickers* de WhatsApp estão nos formatos que mais fazem as pessoas rirem. E neles são explorados os mecanismos e os recursos da ironia, da inteligência, da irreverência, da sutilidade, do duplo sentido, da sagacidade e da analogia. Como já detectado, o humor é frequentemente encontrado em cenas do cotidiano das pessoas e o *script* dessas cenas que levam ao humor geralmente possui um teor de fofura e ingenuidade, que em geral são protagonizadas por crianças, animais, ou são cenas tragicômicas, trapalhadas da vida, situações inusitadas, inesperadas e espontâneas. Todos esses exemplos costumam tirar umas boas risadas das pessoas.

Agora, muitos têm a preocupação em reforçar que o humor não pode ofender ninguém, não pode ser escrachado, agressivo, nem explícito. Não posso esquecer de mencionar aqueles que gostam de rir de si mesmos e os que riem das lembranças do passado, ambos *scripts* rendem boas gargalhadas.

A esta altura, a possibilidade de extração das nuances ficou prejudicada devido à metodologia. O questionário online não possibilita a exploração e o aprofundamento, sendo perceptível o mais do mesmo. De qualquer forma, ao explorar a importância do riso na vida das pessoas, veio com muita força a questão de ser um importante elo de socialização, uma espécie de facilitador de conexões. E, com menor expressão, mas ainda tendo uma certa relevância, foi retratada a importância do riso para a nossa saúde física e mental. Contudo, a leveza, a importância existencial, em sua forma poética, e a capacidade de ser um catalizador de boas vibrações foram os aspectos que tiveram a maioria das menções na nossa pesquisa online.

Para a maioria das pessoas existe uma relação entre riso e humor, muitos até afirmam que existe uma diferença entre eles, mas nas explicações demonstram um pouco de confusão nas definições. Poucos conseguem fazer a relação correta entre riso e humor, ou seja, o primeiro como sendo produto do segundo, ficando evidente a impressão de que o riso é mais superficial, controlável e momentâneo, enquanto o humor é mais profundo, um estado de espírito.

Diferente da pergunta de número 4, na qual questionei qual é a função do humor na vida individual de cada um, agora minha intenção é captar se a função do humor se altera quando estamos observando-o sob uma perspectiva coletiva. E, apesar das respostas serem bem parecidas, consigo identificar uma variação sutil. Enquanto a função do humor individualmente é trazer leveza, descontrair e desopilar, a função dele coletivamente também tem essa vocação de alívio e decompressão. Mas, nesse caso, a ênfase está no aparecimento de um alívio que assume o papel de fuga da realidade, de escapismo. Em outras palavras, o

que ocorre é que enquanto estou vivendo no meu mundo, na minha realidade, ela pode até ser difícil, mas eu consigo contornar, basta alguns momentos de humor para relaxar e tocar o barco. Contudo, quando amplio meu espectro e olho para a sociedade, a realidade fica indigesta e acessa aquele lugar onde não queremos estar, que nos envergonha como nação. Isso vem validar o que já discorremos aqui neste trabalho, ou seja, a realidade brasileira, de tão dura e trágica, acaba sendo cômica também, pois ela traz o inesperado, o hilário, o bizarro, tudo isso junto e misturado, provocando estarrecimento, descrédito... E só nos resta fugir disso, pois como diz o ditado: é melhor rir do que chorar.

Também aparece com uma certa expressão a questão da conectividade entre as pessoas, sendo o humor responsável por aproximá-las, e a percepção do humor exercer a função social, com o objetivo de conscientizar, denunciar de um jeito mais simpático, sem violência.

É unânime a percepção de que o brasileiro é um povo bem humorado, que tem criatividade e é capaz de fazer humor de qualquer situação. Contudo, a maioria critica o humor brasileiro atual, alegando estar muito agressivo, preconceituoso e pouco sofisticado. Já outra parte significativa reforça a imagem do brasileiro ser um povo criativo, que sabe rir de suas desgraças e que isso é um dom. Alguns poucos veem que a atividade humorística passa por um período de transição, tendo, ao mesmo tempo, muita coisa ruim e muita coisa que já evoluiu. Destaque para as redes sociais com a grande produção de memes, ora em caráter positivo, ora negativo.

Podemos dizer que o humor para o brasileiro transita em um plano idealizado, é muito legal ser bem humorado, como muitos dizem, é sinônimo de inteligência. Contudo, fico me perguntando por que então vivemos tempos tão intolerantes, violentos e agressivos? Existe aí uma incongruência para um povo que afirma ter o humor nas veias. Para nós, a principal função do humor é trazer leveza, o que muitas vezes significa amenizar, suavizar, ou seja, distorcer a realidade. Como se funcionasse assim: quando nos deparamos com uma situação pesada, fazemos humor, ou melhor, tiramos sarro, para mostrar que aquilo não nos abala, não nos pertence. Isso se chama enganação, pois esconde-se através do humor a incapacidade de lidar com a situação difícil, a vergonha de se assumir a responsabilidade e parte disso tudo.

3.4 Digas de quem tu ris, que te direi quem tu és

Depois de percorrer toda a história do humor no mundo e no Brasil, passando por toda a nossa produção humorística, também realizamos uma pesquisa netnográfica para

aprofundar e chegar o mais próximo possível do que o humor representa na sociedade brasileira. Após esse mergulho no universo do humor, classifiquei quatro correntes do humor brasileiro que se destacaram ao longo dessa trajetória.

Vamos começar pela corrente um, que chamei de Humor Reflexivo. Tem origem jornalística e a função de, além de divertir, informar as pessoas do contexto social, comentando a realidade de uma forma que dá margem à reflexão. Nasce do incômodo e subverte a realidade para trazer à tona assuntos controversos e delicados da sociedade. Com seu tom de denúncia, frequentemente descortina assuntos polêmicos e encobertos na sociedade. Mesmo fazendo uso de imagens, é mais ligado à estética textual. Explora o discurso e se apoia nas imagens para construir o humor, levando-o para o campo da seriedade. Como é uma corrente de humor ligada intimamente à realidade, quanto mais perturbado é o contexto social, mais o tom de crítica aumenta — ditadura, impeachment, eleições. Em épocas mais brandas, assume o papel de trazer notícias do dia a dia de maneira fantástica. Durante a ditadura, possuía uma linguagem menos escrachada. Fazia críticas através de desenhos, charges e provocações nas entrelinhas. A partir de meados dos anos 80, com a queda da censura, ganha a abertura necessária para ser agressivo com o sistema e também com o espectador. Essa corrente começa no formato impresso e, no início dos anos 90, entra no audiovisual. Hoje as maiores expressões estão na internet, por memes e jornais fantásticos, e em horários alternativos na TV. Temos como exemplos: *O Pasquim*, *Planeta Diário*, *Casseta e Planeta*, *Furo MTV*, *CQC*, além de comediantes como Gregório Duvivier, Juca Chaves, José Simão, Antonio Prata, Henfil, Marcelo Tas.

A segunda corrente que vou apresentar é o Humor da Gargalhada Fácil. É um humor descompromissado, não incomoda ninguém e exerce sua função de amenizar os problemas do dia a dia através do riso. É leve, atemporal e, portanto, menos ligado ao contexto social, ou seja, entretém sem cair no grotesco. Não é exatamente inocente, pode conter ironia ou toques de malícia, mas brinca com a piada que é socialmente aceita, nada que gere constrangimento, o famoso besteiro, pastelão. Retrata situações da vida cotidiana, usa uma linguagem simples e popular, carregada de estereótipos, caricaturas da realidade e bordões. Lembra muito os formatos do rádio e tem sua origem na filosofia do circo, do humor físico, da trombada, da palhaçada e, na medida em que a televisão ganha protagonismo, vai também tomando conta desse meio. Sua essência vai de encontro com os interesses do cinema, uma vez que não é chocante, apresenta classificação livre e é fácil de ser comercializado. Em momentos críticos, ele aparece para desviar a atenção e aliviar as tensões. Com o tempo, as pessoas acabaram incorporando esse hábito para suas vidas pessoais, é um lugar de conforto,

não exige esforço do intelecto. Exemplos: *Os Trapalhões*, *Sitcoms* americanos de humor como *Friends*, *Três Solteirões e um bebê*, *Esqueceram de mim*, *Zorra Total*, *A Praça é Nossa*, *Os Normais*, *Turma do Didi*, *A Grande Família*, *Trair e coçar...é só começar*, Chico Anysio, Jô Soares, entre outros.

A terceira corrente chama-se Humor *Nonsense*. É aquele humor absurdo alegórico que tem por objetivo único e exclusivo a sacanagem, a tiração de sarro, sem qualquer preocupação de construir um pensamento crítico. Diverte por apresentar uma realidade surreal, que de tão absurda se torna inesperada. Aqui o riso é a qualquer preço, não tem limite. É uma linha que trabalha com a depreciação, transita pela maldade, sempre existindo o rebaixamento de algo ou alguém, com um tom agressivo e sempre direcionado para ferir. Tem um discurso informal, grotesco e escrachado. Os recursos visuais ganham importância, mas não requer produção afinada, pois a maioria de suas expressões parece incorporar uma estética caseira, beirando o improvisado. Essa corrente ganhou espaço nos anos 80 e 90, com a abertura política e o anseio pela liberdade máxima de expressão, surgindo um humor sem freios, alimentado pela euforia e a revolta. Ao final da década de 2000, ela volta a perder força quando a sociedade passa a questionar a linha tênue entre o politicamente incorreto e a ofensa. Sem limites para a expressão, pode assumir os mais diferentes formatos. A dinâmica da internet casa perfeitamente com a essência dessa corrente, pois não existe censura, permite a viralização e resguarda o anonimato. Exemplo: Hermes e Renato, *Pânico na TV*, *Jackass*, Sérgio Malandro, Comédia MTV, *South Park*, *Piores Clipes do Mundo*, Tiririca, memes da internet.

A última corrente que vou apresentar é a do Humor Provocativo. Esse tipo de humor também é ancorado na agressão e flerta com a depreciação. Contudo, a diferença dele para o humor *nonsense* é que a agressividade explode no lugar da descompressão, do saco cheio, como se tivesse dando um alerta: “Acorda Brasil! Tá rindo do quê?”. A agressividade vem por um motivo, ela não é gratuita, existe para subverter o sistema, é anárquica, provocadora. O humor provocativo tem o objetivo de libertar o comportamento humano das regras, convenções e motivações sem sentido. É como se a gente risse daquilo que a gente não pode falar, mas que todo mundo pensa, testando os limites do que é socialmente aceito. Para criar a sua brincadeira, faz uma mistura de linguagens para confundir o espectador, explora estereótipos, é caricato e tem um vocabulário mais popularesco. É um humor que se expressa geralmente pelo coletivo. Sua origem fica nas marginalidades da história e ganha personalidade quando tem liberdade suficiente para agir fora dos padrões. Também é uma corrente que cresce muito com o advento da internet, uma vez que encontra um meio potente

de disseminação. A corrente tem uma estética extremamente visual e lúdica, por ter uma relação muito próxima ao circo, com elementos exagerados e alegóricos. Porém, com o passar do tempo, passou a utilizar outros elementos para construir a sua cena, como o jogo de palavras e a imaginação do espectador. Explora todas as faces artísticas para se compor, música, teatro, dança e outros recursos. Por ser mais engajada com o espetáculo e com a arte, segue poucas regras de disseminação e acaba se ligando a meios mais marginais. Hoje, ela se faz presente na TV, mas é enquadrada nos moldes televisivos, para poder se tornar mais comercial. Exemplos: Asdrúbal trouxe o trombone, Dzi Croquette, Dercy Gonçalves, TV Pirata, Mamonas Assassinas, Buraco da Lacreia, Tudo pela audiência, Marcelo Adnet, Tá no Ar, AdNight, Tatá Werneck, Landy Nitght, Fábio Porchat, Porta dos Fundos, Fora do Ar, etc.

O que percebi ao cruzar a linha histórica de todas as correntes é que, em tempos de censura, o humor reflexivo e o da gargalhada fácil ganham espaço, pois em momentos de crise temos apenas 2 caminhos: ou resistimos, buscando informação e abrir os olhos para o que realmente acontece ou ignoramos e distraímos a sociedade com a alienação.

Na ditadura, quem ditava as regras era o governo, através da censura. Com a abertura do regime, a opinião pública passa a controlar o acesso da sociedade à informação, ou seja, os veículos de comunicação e a própria população se empoderam influenciando diretamente a produção humorística, entrando em cena o politicamente correto. Por isso, dizemos que as correntes de humor mais ácidas, como *nonsense* e a provocativa estão sempre tendo que lidar, de forma criativa, com as censuras para produzirem seu humor. E, para driblar a patrulha do politicamente correto, tiveram que se reinventar, encontrando na internet um espaço que fala com sua essência.

Por fim, o humor da gargalhada fácil, o besteiro, é o padrão do *mainstream* e já está em tempo de se renovar, pois na tentativa de agradar a todos e não agredir ninguém, recorrem ao pastelão, caindo frequentemente no genérico e ficando desgastado.

A verdade é que é preciso ter coragem e assumir a essência do humor, tal como ele é, independentemente da corrente em que ele está posicionado, uma vez que para compreendê-lo é necessário um apurado senso crítico, despendendo-se de sentimentos emocionais.

3.5 Cultura Meme Especializada

O advento da internet mudou muita coisa em nossas vidas. Ela trouxe um novo jeito de se comunicar, novas ferramentas e possibilidades que propiciaram uma evolução cultural, transformando nossa forma de consumir notícias, produtos, entretenimento e humor.

Qualquer pessoa com acesso à internet hoje em dia já teve contato com memes em imagens, vídeos, frases ou postagens.

O conceito meme surgiu na década de 1970, tem origem no campo da biologia evolucionista e na teoria de replicadores. É uma abreviação da palavra mimese, que significa imitação, e representa uma unidade de informação cultural. O termo foi criado pelo geneticista Richard Dawkins, que estava estudando a evolução cultural e chegou à conclusão da existência da transmissão de características por meio do convívio e da propagação, muito além da genética, comprovando que a nossa capacidade de evoluir vem também da nossa habilidade de imitar. Prova disso, por exemplo, são os filhos adotivos que adquirem os traços dos pais devido à convivência, por meio da imitação. Na definição original de Dawkins (2008), memes são ideias que se propagam pela sociedade (redes sociais) e sustentam determinados ritos ou padrões culturais.

Além de imitar para aprender, imitamos para nos divertir. A imitação é um dos recursos básicos para se fazer humor. E foi assim que no início da década de 2000 os memes acharam na *web* seu habitat perfeito para proliferarem. Esse processo de replicação, aplicado à internet, assume um caráter viral, sofrendo mutações ao longo do processo e, muitas vezes, formando novos memes, e, assim, culminando em um novo jeito de expressão da comunicação, que por sua vez propicia uma replicação cultural. Nessa direção, os memes podem ser considerados como unidades de construção do conhecimento e de práticas de aprendizagem. Segundo Susan Blackmore (2002), psicóloga que estuda a consciência, memes e experiências paranormais, um meme é uma forma de comunicação simbólica.

Os memes encontraram na cibercultura o espaço ideal para sua existência, expansão e disseminação. Isso porque, além de conseguirmos nos expressar no ritmo que a vida pede, também permite a participação de qualquer pessoa, não apenas como consumidor, mas também como produtor de conteúdo, originando assim a Cultura da Participação, como aborda o pesquisador Clay Shirky (2011) em seu livro que leva o mesmo nome. Cresce, então, uma nova camada, os amadores, que já existiam em nichos, mas com a *web* ganham fama e poder de influência, uma vez que não apenas consomem dessa mídia, como também produzem e propagam para ela. Geralmente o conteúdo desses memes é associado ao cômico, satírico e ao crítico com o único objetivo de entreter e divertir, e, por isso, para muitos são classificados como besteiro, tachados de cultura inútil. “Nada disso é novo. O que mudou foi a visibilidade da cultura dos fãs. A web proporciona um poderoso canal de distribuição para a produção cultural amadora” (JENKINS, 2006, p. 188).

Dados de pesquisas mostram que os memes humorísticos são os mais compartilhados e, por isso, possuem alto poder de sociabilidade, sendo utilizados para abordar assuntos delicados, que, produzidos com a linguagem/estética lúdica e uma forma transgressora, são mais aceitos, desencadeando um processo de identificação. Assim, traduzem sentimentos e naturalizam situações do cotidiano das pessoas, gerando, muitas vezes, um sentimento de solidariedade que proporciona às pessoas uma sensação de pertencimento. Contudo, nem só de humor vive o universo memético da *web*, diz Kate Miltner (2014), em sua pesquisa sobre LOLcats38, que identificou que as pessoas também utilizam os memes para reagir e expressar outros sentimentos, como carinho, frustrações, raiva, crítica, etc.

A efemeridade é outra característica dos memes, expressada no fato de que, na medida que ele vai se deslocando na internet, ele vai se resignificando. Para sobreviver em um ambiente de grande quantidade de informação, os memes precisam dar conta de sintetizar ao máximo possível o sentimento do momento, de modo a traduzir o que as pessoas querem dizer, mas que com palavras fica difícil expressar. Resumindo, o meme simplifica o diálogo, explica com facilidade uma situação, democratizando vários assuntos e, portanto, exerce uma função de inclusão, a comunicação se torna mais horizontal. Ele é resultado destes tempos em que vivemos, em que a gente não quer ser apenas impactado pelo conteúdo, mas queremos participar o tempo todo. Uma premissa muito importante para um meme fazer sucesso é ter uma boa leitura do contexto, assim como no humor, ele está extremamente ligado ao *timing* das coisas, para captar a atenção das pessoas e não acabar ficando forçado e desconexo da realidade. Sendo assim, torna-se extremamente importante para entender a linguagem dos memes ter um bom repertório e experiências, que cada um leva no seu *background*, uma vez que eles são construídos com referências.

No Brasil, esse fenômeno caiu no gosto, no cotidiano e virou hábito na vida das pessoas. No ambiente de rede social onde somos cobrados constantemente a postar para acompanhar o *feed*, postar um meme permite que ele fale por nós. Hoje, segundo a pesquisa *In Meme We Trust*, da Consumoteca (2019) para a plataforma Gente da Globosat, 64% das pessoas se sentem incluídas quando entendem um meme e 73% declaram que souberam de uma notícia política através de um meme. Isso quer dizer que os memes passaram a pautar nossa comunicação.

E assim somos hoje, reconhecidos como a grande potência dos memes, devido ao alto engajamento do brasileiro nas redes sociais. O país pode estar afundando, mas a fábrica de produção de piada parece nunca parar, revelando assim nossa incontestável capacidade de rir

de nós mesmos. Somos tão bons nessa nova linguagem da comunicação digital que já chegamos a exportar nossos memes para o mundo.

3.6 Limites do Humor

Atualmente muito se discute sobre a liberdade que os humoristas têm para criar. Com o *boom* da internet no início do século XXI, cresce a produção e propagação das correntes do humor *nonsense* e do humor provocativo, que desconhecem fronteiras e testam constantemente os limites do que é aceitável. Nesse cenário se fez necessário o surgimento de um grupo intitulado politicamente correto, que visa para proteger os mais vulneráveis e suscetíveis a serem alvos do humor. O humor ofensivo contra mulheres, gays, negros, gordos, entre outros, acaba por reafirmar uma ordem vigente e perpetuar preconceitos.

O bom humorista é aquele que tem bom senso, que não precisa utilizar de pessoas ou grupos que já são alvos de preconceitos sociais para fazer uma piada. Portanto, pode-se dizer que os limites para o humor não são e nem devem ser imposições e regras, e sim uma questão de responsabilidade social, na qual o humorista, em uma sociedade democrática, goza da liberdade de fazer sua piada, valendo-se de um espaço maior de liberdade, uma vez que usa a descontração, o exagero e a ironia para provocar o riso. Mas não por isso o torna imune a críticas, podendo responder penal e civilmente por abusos que vier a cometer.

Como vimos, todo humor requer uma dose de anestesia nos sentimentos, pois toda piada tem um alvo e, contanto que esse alvo não perpetue nem incentive um preconceito social, todo o resto está em jogo e vamos nos divertir.

3.7 Marcas e Humor

O humor surgiu na propaganda por volta dos anos 70, como um importante recurso de persuasão. Hoje, ele se tornou uma estratégia eficaz para agregar valores à personalidade das marcas. Pesquisas mostram que propagandas engraçadas possuem maior índice de *recall* na cabeça dos consumidores, pois uma mensagem leve e bem humorada atrai mais a atenção, aproxima ao invés de dispersar. Muitas marcas apostam no humor, mas é necessário saber a dose certa, pois é muito fácil extrapolar e cair na bobeira, ou exagerar e cair na ofensa, no mau gosto.

Para exemplificar uma boa utilização da linguagem do humor na propaganda, escolhemos o caso de *Natura Humor*, que é uma sub-linha de produtos de perfumaria da

Natura. É uma marca de espírito jovem, descolada, contemporânea e que utiliza o humor em sua comunicação, devido à sua linguagem descontraída e seu alto poder de conexão e simpatia. A linha Humor deu origem ao primeiro perfume floral frutado no portfólio da marca, sendo vista como uma quebra de paradigmas dentro da empresa, uma vez que a marca sempre construiu sua imagem muito atrelada à temática da natureza, com tons da terra.

A linha Humor construiu seu posicionamento alicerçada por um dos pilares da marca Natura: as relações pessoais. E, assim, apostou em mostrar e reforçar a alegria dessas relações interpessoais, abusando de bom humor e cores vibrantes. Isso trouxe para a marca um ar de jovialidade, leveza, descontração e irreverência, com um discurso libertador que o humor inspira.

A estética das charges, com ilustrações que retratam o cotidiano das relações de forma irreverente e engraçada, convida as pessoas a encarar a vida de forma mais leve, estimulando a livrarem-se dos julgamentos e compartilhar risadas. É uma linha destinada para pessoas determinadas, que conseguem fazer do limão a limonada, curtem rir de si mesmas, enxergam a vida de forma despreziosa, sem tantas convenções e aceitando as imperfeições. Natura Humor vem com a proposta de provocar o bom humor nas pessoas e incentivar um estilo despreocupado de viver a vida.

Desde de sua origem, a marca foi disruptiva e trouxe, com fragrâncias frutadas, combinações inusitadas, embalagens coloridas e humor, a imagem de uma marca ousada de alma moderna⁵.

⁵ No Anexo A estão algumas peças publicitárias que traduzem a proposta da linha Natura Humor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto humorístico, sem sombra de dúvidas, tem muitas vantagens. Além de seu objetivo primário, que é provocar o riso, ele também é utilizado para abordar assuntos delicados, estimular a reflexão e difundir modos de pensar. O humor está ligado a fatos socioculturais, uma vez que retrata de forma simplificada os problemas, desacertos e contradições da vida, tornando-os de fácil compreensão. É uma linguagem simples, originada pela mistura da linguagem culta com a linguagem popular e, por isso, tem um alto poder de inclusão.

No Brasil, o humor encontra um terreno fértil para florescer, uma vez que a realidade do brasileiro já é engraçada por essência. Essência essa que de tão diversa e complexa se torna difícil de identificar e traduzir. A dificuldade de elaborar um conceito de identidade brasileira sempre existiu em nossa história, isso reside na nossa diversidade racial e territorial, em uma história de desigualdades e estratificação social, e uma sociedade marcada pela exclusão e pela herança escravocrata de um passado colonial. Muito árdua é a tarefa de apresentar ao povo brasileiro uma cultura que foi desqualificada por seus colonizadores. E, de tão complicada, nascem as representações humorísticas.

Foi nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, no período chamado de Belle Époque, que a representação humorística começou a ter grande importância para a cultura brasileira, apresentando um forte conteúdo emocional, pois como explica o Professor Elias Thomé Saliba, historiador que estuda a gênese do humor no Brasil, em entrevista⁶ à revista IHU On-line (2011), o estilo cômico produzido aqui tem duas características marcantes da sociedade brasileira: a confusão entre as esferas pública e privada, e a vocação de tratar tudo de maneira emocional, ou seja, o brasileiro tem horror às distâncias sociais e não consegue lidar com a seriedade e formalidade que a vida pública exige. Esse sentimentalismo é típico de uma sociedade em que as leis não funcionam, na qual ocorre uma perda nos padrões morais, que as pessoas regridem emocionalmente a ironias, sátiras, ao desprezo e ao humor.

Todo esse cenário explica as razões para a construção de uma imagem autodepreciativa do brasileiro, afetando sua autoestima e comportamento, pois na tentativa frustrada de constituir uma brasilidade que gere coesão social e sentimento de pertencimento,

⁶ JUNGES, Márcia. As raízes do riso e a ética emocional brasileira. **IHU On-line**, São Leopoldo, edição 367, ano XI, p. 24-27, 26 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/367>>. Acesso em: 05 out. 2020.

o brasileiro percebe-se sem uma identidade cultural nacional, atribuindo ao humor pequenos momentos de identificação e pertencimento.

Rimos para tentar esquecer o passado, para suavizar o presente e para nos isentar das responsabilidades do futuro, por não existir esse sentimento de pertencimento. Essa é a grande função do humor no Brasil. O humor muito mais que produzir uma identidade para o brasileiro, ele nos revela uma identidade: como nos enxergamos, nos representamos, nos interpretamos expressamos. Através do humor construímos um espaço possível para lidar com as nossas incongruências.

A verdade é que lá fora somos conhecidos pela fama de mal educado, malandro, contraventor, esperto, malicioso, corrupto, assim como, também somos reconhecidos por sermos um povo alegre, receptivos e batalhador e é da contradição presente nestas duas percepções que se faz o humor do brasileiro. Somos orgulhosos para enaltecer nossa diversidade e nossa mistura cultural, mas renegamos nosso preconceito estrutural, tratando com intolerância e discriminação qualquer diferença. O famoso jeitinho brasileiro, é outro exemplo de nossas contradições, muito bem problematizado por DaMatta (1984). Ora com uma conotação positiva, ligada à noção de criatividade e flexibilidade, ora com conotação negativa, ligando-se as noções de malandragem e corrupção. E é isso que o humor vem escancarar na cara da sociedade, frente a situações problemáticas, o brasileiro usa o humor para improvisar soluções criativas e lidar com a situação.

Como vimos, o humor é como se fosse um espelho da sociedade, se um dia utilizamos o humor para produzir reflexão e fazer resistência a um regime, como no caso do Pasquim, entre outras produções humorísticas da época, hoje, o brasileiro se engana e se esconde atrás de risadas porque não tem coragem de assumir seus erros e se responsabilizar pelo futuro. Como diz o compositor Roberto Frejat, na música Amor pra Recomeçar: “Rir de tudo é desdespero.”

Muitos foram os caminhos que percorri sob a lente do humor e acredito que posso afirmar que foram tempos mais descontraídos, que o humor tem mesmo esse poder de conceder leveza. Nunca fui uma pessoa bem humorada, pelo contrário, sempre cultivei boa dose de rabugice, mas andar de braços dados com o humor nessa travessia pandêmica me despertou para o peso que eu carregava nos meus ombros. Agora a minha preocupação é saber quando devo usar as lentes do humor para que ela não se torne um disfarce casual.

Apesar das limitações de minha pesquisa, na qual os resultados se apresentam fortemente impactados pelo contexto distópico que estamos vivendo com a pandemia, o que enfatiza o uso do humor para relativizar o medo, a angústia e, assim, declarar o sentimento

de desencantamento, me empolgo e me encho de esperança pela possibilidade que estamos tendo de reconfiguração. Agora, mais que nunca, é hora de desmistificar o humor, se valendo do seu poder transgressor, mobilizador e conectivo para construir novos significados e assim nos deslocarmos no espaço, sem descartar a ambivalência das coisas. Meu anseio é que este trabalho possa encorajar outras pessoas a pesquisarem como o humor pode nos ajudar a construir estas novas possibilidades de nos relacionarmos a partir de melhores valores sociais, agregando sua visão desidealizadora e trazendo uma dimensão mais existencial, com o descentramento do eu e a consciência das vulnerabilidades. Como destronar o normal e dar vazão a uma nova ordem, sem deslegitimar e provocar erros de interpretação? Acredito que o humor ainda tem muito a nos ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ARAÚJO, Juliana Xavier de. **Memes**: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos *Rage Comics*. 2012. 86 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/428/5/JXAraujo.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2020.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- ARTUR, Margareth. História cultural do humor mostra que rir não é só “melhor remédio”. **Jornal da USP**, 22 mar. 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=153060>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- As particularidades da linguagem humorística brasileira. **USP Online Destaque**, São Paulo, 20 out. 2015. Disponível em: <<https://www5.usp.br/noticias/cultura/as-particularidades-da-linguagem-humoristica-brasileira/>>. Acesso em: 02 out. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: no contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAYM, Nancy K. The performance of humor in computer-mediated communication. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 1, n. 2, set. 1995. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1995.tb00327.x/full>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- BERGER, Arthur A. **An Anatomy of Humor**. New Jersey: Transactional Publishers, 1993.
- BERGSON, Henry. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BLACKMORE, Susan. A evolução das máquinas de memes. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON ONTOPSYCHOLOGY AND MEMETICS, 2002, Milão. **Anais...**, Milão: [s. n.], 2002. Disponível em: <<https://www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-portuguese-translation/>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Orgs.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CARMELINO, Ana Cristina (Org.). **Humor**: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015.
- CHAGAS, Viktor (Coord.). #MUSEUdeMEMES. **Universidade Federal Fluminense (UFF)**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.museudememes.com.br/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

CONSUMOTECA. In Meme We Trust: A cultura dos memes ultrapassa os limites do humor e passa a pautar as complexidades da nossa comunicação com o mundo. **Gente (Globosat)**, 2019. Disponível em: <<https://gente.globo.com/in-meme-we-trust/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DIAS, Kadu. NATURA. **Mundo das Marcas**, 11 maio 2006. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/natura-natureza-viva.html>>. Acesso em: 02 out. 2020.

FERNANDES, Florestan; PEREIRA, João Baptista Borges; NOGUEIRA, Oracy. A questão racial brasileira vista por três professores. **Revista USP**, n. 68, p. 168-179, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13491>>. Acesso em: 05 out. 2020.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. **A linguagem da surpresa: uma proposta para o estudo da piada**. 1991. 220 p. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IHU On-line, São Leopoldo, edição 367, ano XI, 26 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/367>>. Acesso em: 05 out. 2020.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LEVINO, Rodrigo. Humor brasileiro reflete nossa falta de identidade, diz historiador. **Revista Veja**, 04 nov. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/humor-brasileiro-reflete-a-nossa-falta-de-identidade-diz-historiador/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

_____. Nas trincheiras do humor. **Revista Veja**, 04 nov. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/nas-trincheiras-do-humor/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

MEIO E MENSAGEM. Natura: Fiel à sua essência. **Meio e Mensagem**, [201-]. Disponível em: <<https://marcas.meioemensagem.com.br/natura-fiel-a-sua-essencia/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

MILTNER, Kate M. “There’s no place for lulz on LOLCats”: The role of genre, gender, and group identity in the interpretation and enjoyment of an Internet meme. **First Monday**, v. 19, n. 8, 2014. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/5391>>. Acesso em: 05 out. 2020.

NUNOMURA, Eduardo. Florestan Fernandes: a luta negra é de todos. **Portal Geledés**, 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/florestan-fernandes-luta-negra-e-de-todos/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

OLIVEIRA, Sayonara Abrantes de; CABRAL, Symara Abrantes de Oliveira. Fenômenos da significação e da construção do humor nas tirinhas humorísticas na salade aula: interagindo com textos para aprender a ler. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013, Uberlândia. **Anais...**, v. 3, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_350.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da língua**: análises linguísticas de piadas. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PROPMARK. Natura propõe viver de forma mais leve. **Propmark**, 20 fev. 2015. Disponível em: <<https://propmark.com.br/anunciantes/natura-propoe-viver-de-maneira-mais-leve/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

REVERBEL, Paula. Piada x grosseria: a diferença entre o humor e o bullying. **Revista Veja**, 04 nov. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/piada-x-grosseria-a-diferenca-entre-o-humor-e-o-bullying/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: formulação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global, 2015.

RODRIGUES, Robson. Rir para não chorar, que graça tem nisso? **Diário de Contagem**, Contagem, 29 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodecontagem.com.br/Materia/7687/22/rir-para-nao-chorar-que-graca-tem-isso/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. especial, p. 133-161, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300009>. Acesso em: 05 out. 2020.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira, da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEIMOHA, Karine. Criatividade do brasileiro eleva o País ao posto de potência global de Memes. **Portal iG**, São Paulo, 25 jul. 2017. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-07-25/memes-brasil-grande-potencia.html>>. Acesso em: 01 out. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Paulo: Unisinos, 2002.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 5. ed. Recife: Editora UFPE, 2002.

TEATRO CHICO ANYSIO. **Museu do Humor Cearense**, Fortaleza. Disponível em: <<https://museudohumorcearense.com.br/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, Ana Cristina (Org.). **Humor**: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49-90.

WEEMS, Scott. **Há!**: ciência do humor. São Paulo: DVS Editora, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO ONLINE - HUMOR

[INTRODUÇÃO]

Olá minha gente linda, elegante e sincera! Estou fazendo um estudo sobre Humor, que servirá de base para a minha monografia. Pois é... no meio de tempos tão angustiantes, resolvi escolher um tema que me ajudasse a atravessar esta tempestade. Para esta travessia dar certo, preciso muito da sua colaboração e envolvimento de todos vocês. Por favor, peço alguns minutinhos do seu dia para responder este questionário.

Espero que você tenha um momento de descontração e instigue boas risadas!!

Vamos lá?!





QUESTIONÁRIO

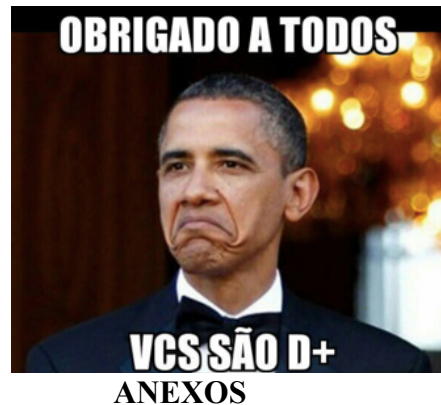
01. Pensa rápido, qual foi a última coisa engraçada que você viu? (Cole aqui o link ou imagem se precisar)
02. Quais são as 3 primeiras palavras que vem na sua cabeça, quando falamos de HUMOR?
03. Você sente que o humor está presente no seu dia a dia? Como?
04. Em termos gerais, qual é a função do humor na sua vida?
05. No geral, o que te faz rir? Comente um pouco a respeito, se preferir, cole uma imagem.
06. Qual é a importância do riso na sua vida?
07. Para você, existe diferença entre riso e humor? Qual é?



08. Agora pensando coletivamente, qual é a função do humor na vida das pessoas?

09. Na sua opinião, qual é a relação do brasileiro com o humor?

10. Como você descreveria o humor brasileiro nos dias de hoje?



ANEXO A — COMUNICAÇÃO NATURA HUMOR

HUMOR

É UM JEITO DE OLHAR A VIDA.

Um jeito que desmonta a cena,
o acontecimento e o interpreta pela
sua faceta mais irreverente.

O humor oxigena, liberta, desopila.
O humor dialoga, provoca, descomplica.
E é na relação que humor ganha vida,
contagia e se espalha.

Porque a graça é maior quando a gente
compartilha e se permite rir de si mesma.

"Natura Humor, espalhe seu humor".





HUMOR

desarme-se

Com humor, o amor e as relações podem ir mais longe. Por isso, a Natura usa charges para ilustrar as embalagens da linha Natura Humor.

Divirta-se agora com as charges usadas nas embalagens de Natura Humor. Uma leitura divertida sobre o dia-a-dia das relações.



Querida, que tipo de humor eu prefiro?

Os fortes ou os inteligentes?

Os magros, amor. Os magros.

natura **HUMOR**

NATURA HUMOR É UMA LEITURA DIVERTIDA DO DIA A DIA DAS RELAÇÕES, SEUS ALTOS E BAIXOS, PONTOS DE VISTA, REGRAS E JOGOS.

1

APRO BEM-ME-QUER?

2



 **HUMOR**  **PERFEITO** 

LEVE A VIDA COM MAIS HUMOR.

O LANÇAMENTO DE HUMOR PERFEITO TRAZ TODA A IRREVERÊNCIA DA MARCA PARA VOCÊ LEVAR A VIDA MENOS A SÉRIO. FLORAL, COM NOTAS DE BERGAMOTA E FRAMBOESA, TRAZ MAIS HUMOR E LEVEZA AO SEU DIA A DIA.





O HUMOR ESTÁ NO AR.
VIVA A VIDA MAIS LEVE.



CONHEÇA A NOVA FRAGRÂNCIA FEMININA DE NATURA HUMOR

